IMPORTÂNCIA DO EQUILÍBRIO ENTRE CAPITAL DE GIRO E GESTÃO DE ESTOQUES EM UMA ORGANIZAÇÃO

Anna Carolina Souza Machado¹

Leonardo Augusto Durço Bitar²

Otávio Augusto Loures de Almeida³

Frederico Ribeiro Rosas⁴

Ana Flavia Barroso⁵

Resumo

O cenário econômico atual tem forçado as empresas a buscarem alternativas de gestão do capital de giro, de forma a assegurar sua liquidez e rentabilidade em curto prazo. A mítica está em equilibrar estes índices, buscando a adequação entre o volume de recursos sob a forma de estoque e o capital de giro. Este trabalho visa apresentar um estudo sob a ótica da gestão de estoque, demonstrando a importância da eficácia de uma gestão sob os aspectos de rentabilidade e liquidez da mesma. A metodologia aplicada no desenvolvimento foi a revisão bibliográfica de livros e artigos técnicos, nas áreas de administração financeira e gestão de estoques. Para direcionar a discussão sobre a importância do equilíbrio entre o capital de giro e gestão de estoques em uma organização, realizou-se um estudo inicial sobre a administração financeira e orçamentária com enfoque na natureza e definição da administração do capital de giro, a importância do ciclo operacional, econômico e financeiro para o mesmo. Na sequência abordou-se a administração de estoques de forma a explorar o entendimento sobre a sua gestão e o seu reflexo no capital de giro de uma organização. Observou-se como uma gestão premente e direcionada do estoque poderá alterar o comportamento das empresas quanto à melhor aplicação do capital de giro.

Palavras-chave: Capital de giro, gestão financeira, estoques, *Lead time*.

¹ MACHADO, Anna Carolina Souza. Graduando do Curso de Engenharia de Produção da Universidade Salgado de Oliveira. Juiz de Fora, MG, 2016.

² BITAR, Leonardo Augusto Durço. Graduando do Curso de Engenharia de Produção da Universidade Salgado de Oliveira. Juiz de Fora, MG, 2016.

³ DE ALMEIDA, Otávio Augusto Loures. Graduando do Curso de Engenharia de Produção da Universidade Salgado de Oliveira. Juiz de Fora, MG, 2016.

⁴ ROSAS, Frederico Ribeiro. Especialista em Gestão de Negócios, Professor do Curso de Engenharia de Produção da Universidade Salgado de Oliveira. Juiz de Fora, MG, 2016.

⁵ BARROSO, Ana Flavia da Fonseca. Mestre em Arquitetura, Professora e Gestora do Curso de Engenharia de Produção da Universidade Salgado de Oliveira. Juiz de Fora, MG, 2016.

1. Introdução

Este artigo tem por finalidade apresentar um estudo acerca da importância do equilíbrio entre capital de giro e gestão de estoque em uma organização.

O capital de giro tem grande influência no desempenho operacional de uma organização. Ele reporta a aplicação eficiente do ativo circulante, valor disponível em caixa, influenciando nos resultados financeiros de curto prazo.

Entretanto, outro fator crítico de sucesso financeiro de uma empresa está vinculado à gestão, o volume e giro de estoque, e o valor agregado. A política de estoque influencia diretamente o comportamento do ciclo operacional do capital de giro, bem como os resultados obtidos. Não obstante, o equilíbrio entre estas metodologias de gestão repercutirá nos resultados financeiros de uma organização. Sua atuação proporcionará uma saúde financeira satisfatória ou será motivo de seu fracasso.

Para a elaboração deste trabalho, fez-se revisão bibliográfica para fundamentação de conceitos e teoria do assunto. Este artigo é composto por citações de trechos de obras vinculadas ao tema em estudo.

Através de pesquisa bibliográfica, este artigo apresenta um estudo conceitual sobre o capital de giro e gestão de estoque, perfazendo a importância do equilíbrio entre estas gestões, sobretudo sobre os resultados que podem ser obtidos.

É apresentado na discussão a necessidade de métodos eficazes para a redução de custos aplicados ao estoque, bem como o sistema just in time e o cálculo do lote econômico de compras. Por fim, houve a união das observações relevantes ao tema central do artigo e a conclusão do mesmo.

2. Capital de Giro

Frente a um cenário dinâmico e interativo, onde se tem diversas variáveis que implicam na tomada de decisões, o capital de giro se mostra com alto grau de relevância na vida de uma organização. O capital de giro pode ser subdividido em alguns fatores que o influenciam como os estoques e as contas a receber.

A gestão do capital de giro é uma importante ferramenta na atualidade utilizada pelas empresas, minimizando riscos financeiros em um cenário competitivo e focados em resultados. A administração do capital de giro envolve-se diretamente com o ciclo operacional e o giro dos negócios, viabilizando o fluxo de liquidez e rentabilidade de uma organização.

O capital de giro aborda a aplicabilidade dos recursos de curto prazo, ou seja, recursos que são convertidos em valor monetário disponível em caixa. Dias & Sgarbi (2011), citando Braga (1995, p. 81), afirma que a administração do Capital de Giro envolve um processo contínuo de tomada de decisão voltado principalmente para a preservação da liquidez da empresa, mas que também afeta sua rentabilidade.

A administração do capital de giro envolve a gestão de contas circulantes do ativo e passivo. Atribui-se ao capital de giro os recursos demandados por uma empresa para financiar suas necessidades operacionais identificados desde a aquisição de matéria-prima até o recebimento pela venda do produto acabado. (FONSECA, 2009, p. 38)

O capital de giro é o conjunto dos recursos que uma empresa possui para financiar suas necessidades operacionais. Observa-se que a necessidade de capital de giro surge pela dificuldade de sincronização temporal entre os elementos que compõem seus níveis de atividades, ou seja, não existe sincronia entre os recursos disponíveis em caixa de uma empresa e todos seus compromissos de curto prazo.

Fonseca (2009) conclui que a “boa administração financeira procura a eficiência na gestão dos recursos, através da maximização de seus retornos ao mesmo tempo que a minimização de seus custos”. A gestão do capital de giro é utilizado como indicador de liquidez e tem participação relevante no desempenho operacional da empresa. Através deste indicador pode-se observar a situação financeira de uma empresa a curto prazo.

Contas do ativo e passivo correntes são partícipes do capital de giro. Estas contas são capazes de serem convertidos em caixa no curto prazo, envolvendo diretamente decisões de compra e venda em um momento de tomada de decisão. O ativo circulante representa a proporção do investimento total da empresa que circula com o objetivo de financiar

operações, como caixa, estoques, contas a receber e entre outras. Este corresponde aos bens e direitos de qualquer natureza que a empresa pretende converter, realizar, transformar em caixa/dinheiro em curto espaço de tempo. O passivo circulante evidencia todas as obrigações com terceiros que serão pagas a curto prazo, sendo composto principalmente pelas obrigações de curto prazo, incluindo as dívidas de curto prazo referentes aos valores devido a fornecedores, bancos, funcionários e governo.

O capital de giro divide-se em Capital de Giro Fixo (Permanente) e Capital de Giro Sazonal (Variável). Este refere-se às necessidades adicionais e temporais de recursos em determinados períodos e que ocorrem principalmente por compras antecipadas de estoques, maior morosidade no recebimento de clientes, recursos do disponível em trânsito, maiores picos de venda. Contudo, o capital de giro permanente refere-se ao volume mínimo de ativo circulante necessário para manter a empresa em condições normais de funcionamento.

2.1 Ciclo Operacional, Financeiro e Econômico

A administração do capital de giro promove uma alta rotação. A gestão do capital de giro pode ser dividido em Ciclo Operacional, Ciclo Financeiro e Ciclo Econômico.

O Ciclo Operacional compreende todos os processos entre a compra de matéria prima até o recebimento das vendas, ou seja é o período que a empresa necessita desde a compra da matéria prima até o recebimento das vendas do produto final. Quanto maior for o ciclo operacional, ou seja, quanto maior o tempo necessário para a entrada de recursos financeiro, maior será a necessidade de recursos para o financiar o giro da empresa.

O ciclo operacional varia de acordo com o setor de atividade da empresa. Assim, algumas empresas têm um ciclo operacional com prazo de duração inferior a um ano, o que indica que o ciclo operacional ocorre mais de uma vez no ano. (MATIAS, 2006, p. 69)

Matias (2006) continua a afirmar que “a empresa deve possuir um nível satisfatório de capital de giro para sustentar o ciclo operacional”. Alguns fatores afetam e são afetados pelo ciclo operacional das empresas, como o volume de recursos envolvidos nesses processos e o tempo ou prazo para conversão de um determinado ativo em um outro ativo.

O estudo do ciclo operacional permite aos administradores uma análise comparativa dos prazos de giro de estoques, prazos médios de recebimento de duplicatas e prazo médio de pagamento de fornecedores, além de custos fixos mensais. O ciclo operacional é

composto dos ciclos econômicos e financeiros, e através deles mais os custos fixos mensais permite ao administrador ter uma visão do fluxo de caixa da empresa que fluirá em médio e longo prazo e ter uma previsão da necessidade de capital de giro (NCG) para determinado período. (BARTZ, 2011, p.9)

Quanto maior a rotação imposta ao ciclo operacional, maior será o giro do circulante, o que permite à empresa uma menor necessidade de aplicação de capital próprio no circulante, gerando um incentivo ao aumento da rentabilidade da empresa. Quanto maior for o ciclo operacional, maiores serão as necessidades de financiamento do capital de giro.

O ciclo econômico aborda somente as operações de natureza econômica e está relacionado com a agregação de valor de matéria prima destinada à venda, principal fonte de lucro para a empresa. O ciclo financeiro é caracterizado pelo prazo decorrido entre as saídas e as entradas de caixa. Através deste ciclo é possível identificar as necessidades de recursos que a empresa requer desde o pagamento das compras para a produção até o recebimento das vendas realizadas.

Komatsu & Santana (2011) entendem que o ciclo financeiro representa o tempo decorrido entre o pagamento dos fornecedores pelas matérias primas ou mercadorias adquiridas e o recebimento das vendas efetuadas, correspondendo ao período que a empresa poderá necessitar de financiamento .

Este ciclo tem como objetivo mensurar as movimentações de caixa, abrangendo o período entre o momento em que a empresa realiza os pagamentos e o momento em que recebe pelas vendas. Se inicia a partir dos pagamentos dos fornecedores e terminam com o recebimento das vendas, representando a soma do prazo médio de estocagem (PME), mais o prazo médio de recebimento das vendas (PMR) menos o prazo médio de pagamento das compras (PMP).

$$\text{CICLO FINANCEIRO} = \text{PME} + \text{PMR} - \text{PMP}$$

O prazo médio ou pagamentos de compras representa o período médio que a empresa possui para pagar seus fornecedores, ou seja, é o período que irá vencer as compras realizadas pela empresa. Esse cálculo é importante para a empresa, pois ele auxilia na elaboração das políticas de crédito concedidas pela empresa, onde quanto mais dilatado for o prazo médio para pagamento de seus fornecedores, mais prazo a empresa poderá oferecer a seus clientes, como também, menos recursos a empresa precisará disponibilizar para financiar suas operações. (SOARES; FARIAS; SOARES, 2011, p. 6)

Os índices de prazos médios estão relacionados com a atividade da empresa desde a aquisição de material para estoque, pagamento das obrigações até o recebimento das vendas. Este ciclo refere-se a ciclo operacional. O Prazo Médio da Rotação dos Estoques indica o tempo médio verificado desde a aquisição do material até sua requisição na produção, ou seja, o tempo médio que a matéria prima permanece no estoque a espera de ser utilizada no processo de produção. Este índice é obtido pela relação entre estoque e custo de mercadoria vendida.

O índice de Prazo Médio de Recebimento das Vendas (PMR) indica o tempo em que a empresa receberá por suas vendas, sendo representado pelo quociente entre duplicatas a receber e receita líquida de vendas. Este é indicado em dias, estando sob influência dos prazos concedidos durante o processo de venda e o volume vendido. Segundo Matias (2006) PMR corresponde ao tempo médio requerido para converter as contas a receber em caixa, isto é, receber pelos produtos vendidos.

O índice de Prazo Médio de Pagamento das Compras representa o tempo necessário que uma necessita para quitar suas dívidas junto aos seus fornecedores, estando representado pelo resultado da divisão entre conta fornecedor por conta compras, multiplicando o resultado por 360, expressando o resultado em dias.

Os ciclos operacionais e financeiro possibilitam uma análise mais crítica dos processos de aquisição. Ao interpelar o ciclo operacional, observa-se que quanto maior for este ciclo, maior será a necessidade de recursos circulantes para financiar o giro da empresa. Não obstante, o ciclo financeiro foca na movimentação do caixa, abrangendo o período entre o momento em que a empresa realiza os pagamentos e o momento em que recebe pelas vendas.

2.2 Análise Capital de Giro

A liquidez de uma empresa é medida pela capacidade que esta possui em cumprir com suas obrigações de curto prazo. A liquidez refere-se à solvência da situação global da empresa, observando como esta cumpre com suas obrigações.

A liquidez, ou capacidade de pagamento da empresa, está intimamente ligada à gestão do capital de giro. O risco financeiro, ou risco de insolvência, é a probabilidade da firma não conseguir saldar seus compromissos de curto prazo, ou seja, de tornar-se insolvente. (MATIAS, 2006, p.84).

Os principais índices aplicados à análise da liquidez da organização pode ser dividido em Indicador de Liquidez Estática e Indicador de Liquidez Dinâmica. Esta indica a evolução da capacidade de pagamento da empresa através da avaliação da evolução do Capital de Giro Líquido e Necessidade de Capital de Giro. Contudo, o indicador de liquidez estática representa a situação financeira de uma empresa em um determinado momento através da avaliação da Liquidez Corrente, Liquidez Seca, Liquidez Imediata.

A Liquidez Corrente avalia a capacidade de uma empresa pagar os recursos aplicados no ativo circulante outrora financiado pelo passivo circulante, ou seja, revela a capacidade financeira da empresa em cumprir com seus compromissos de curto prazo. Este índice é obtido pela divisão do ativo circulante pelo passivo circulante.

Já a Liquidez Imediata indica a capacidade da empresa em cumprir com sua obrigação imediatamente com os recursos disponíveis (caixa e bancos), sem precisar aguardar a conversão de algum elemento do ativo em dinheiro. A liquidez imediata geralmente apresenta baixo índice, pois os valores mantidos em caixa costumam serem reduzidos, podendo comprometer a capacidade de a empresa honrar seus compromissos utilizando-se apenas de seus recursos imediatamente disponíveis. Este índice é encontrado dividindo o Disponível pelo Passivo Circulante.

Liquidez Seca é medido pela divisão da diferença em Ativo Circulante e Estoque pelo Passivo Circulante. Este índice se assemelha ao de liquidez corrente, mas exclui do cálculo os estoques, que costuma ser menos líquido dos ativos circulantes. A baixa liquidez dos estoques é ocasionado quando muitos tipos de estoques não podem ser vendidos com facilidade por serem itens parcialmente acabados ou com finalidades específicas e, quando o produto estocado é normalmente vendido a prazo, o que indica que ele se transformará em contas a receber antes de ser convertido em caixa.

O Índice de Liquidez Geral indica a capacidade de uma organização que através do ativo total pagar suas obrigações no passivo total, mesmo com a existência de elementos do ativo que não representem valores efetivamente no caixa. Este índice tem como objetivo avaliar o poder de solvência da empresa diante de todas as suas obrigações utilizando-se de todos os recursos que compõem o ativo total.

O índice Giro do Ativo Total indica a eficiência com que a empresa aplica seus ativos para gerar vendas. É expressa pelo quociente entre vendas e ativo total.

2.3 Apuração e análise da Necessidade de Capital de Giro

A Necessidade de Capital de Giro (NCG) indica a necessidade de recursos financeiros para manter o giro dos negócios. Corresponde à diferença entre ativo e passivo circulantes. Quando o ciclo operacional se apresentar maior que o prazo médio de pagamento é considerado positivo e, quando ocorre o contrário, o ciclo é considerado negativo.

Ao citarem Matarazzo (1998), Soares, Farias & Soares (2011) ressaltam que o “ativo circulante operacional é o investimento que decorre automaticamente das atividades de compra/produção/venda, enquanto, o passivo circulante operacional é o financiamento, também automático, que decorre dessas atividades”.

Difícilmente os pagamentos que a empresa efetua (saídas de caixa) são sincronizados com seus recebimentos (entrada de caixa). A falta de sincronização temporal entre pagamentos, produção, vendas e recebimentos pode fazer com que o ciclo operacional não gere recursos em montante e/ou prazo suficiente para sustentar a atividade operacional da empresa, o que acarreta a necessidade de capital de giro. (MATIAS, 2006, p.72)

A necessidade de capital de aumenta quando ocorre um aumento nos estoques, nas contas a receber ou com a diminuição dos fornecedores, contas a pagar. Entretanto, Matias (2006) finaliza sua observação ponderando que a NCG diminui a medida que ocorre a diminuição do estoque e das contas a receber, e quando os fornecedores e as contas a pagar aumentam.

3. Gestão de Estoque

No mundo contemporâneo, as organizações buscam intensamente a otimização de processos e aquisições que resultem de altos investimentos empregados em imobilizados através do detrimento do capital de giro. A eficiência da gestão de estoque transforma-se em importante ferramenta auxiliar nas empresas. O estoque corresponde ao conjunto de materiais em processamento, semi acabado e acabado, e insumos; estão destinados a proporcionar continuidade do processo fabril e/ou serviço de uma empresa visando otimizar recursos e lead time de pedidos e entregas.

A gestão de estoque é a administração de recursos materiais que ajudam a organização e gerar receita no futuro. Esta gestão quando eficaz reflete a busca pelo equilíbrio entre oferta e demanda. Constitui-se em gerir recursos detentores de valor econômico e destinado ao fornecimento das necessidades futuras de materiais em uma organização.

A administração do estoque transpassa a análise quantitativa e física do volume de material armazenado. Ela envolve o controle dos custos associados ao estoque, sendo os que

atribuem, entre outros, os custos de armazenagem, de capital, gerenciamento, controle de risco e custo do pedido.

A análise do custo de capital verifica se o recurso investido em ativo imobilizado, caso estivesse aplicado em alguma instituição financeira, poderia apresentar maior lucratividade à empresa. O custo de gerenciamento reforça o valor investido face a necessidade da existência do controle gerencial de estoque, o que engloba mão de obra e seguros.

Slack, Chambers & Harland “et al” (2006) afirmam que entre “os custos associados ao estoque admiti-se também os custos de capital de giro e custos de obsolescência”. Este corresponde ao custo gerado por produtos que, por permanecerem longos períodos armazenados tornaram-se obsoletos e foram substituídos. Aquele refere à aplicação de recursos ativo circulante na empresa durante um período de tempo entre o pagamento do fornecedor e a entrada de receita de venda, ou seja, corresponde a utilização de recurso disponível em caixa para a manutenção dos custos de mercadorias vendidas.

O custo referente ao risco ocorrerá quando existir sinistros no estoque armazenado. O custo de setup refere-se aos pedidos específicos de um cliente, sendo este constante, independente do tamanho do pedido e, portanto, quanto maior o pedido, mais diluído será esse custo.

Custo Total: é definido pela soma dos custos de pedir e manter estoque. O mesmo é importante no modelo de Lote Econômico, por determinar a quantidade mínima do pedido. O contexto acima deixa claro a importância que deve ser dada aos custos associados ao estoque, quando se trata do controle de estoque, devido ao que esses custos podem representar para a rentabilidade da empresa. (ROCHA, 2010, p.22)

3.1 Políticas de Estoque

As políticas de estoque podem ser entendidas como diretrizes que guiam a administração e gerenciamento do estoque.

Definir as políticas de estoque é muito importante para o funcionamento de todas as atividades que envolvem a administração dos estoques, por estarem ligados diretamente e com a principal

matéria em que a empresa utiliza para formar seus produtos finais.(SILVA & HENZEL, 2012, p.106)

Nesta metodologia, aplica-se a análise do Estoque de Segurança, Lead Time de pedido e Lote Econômico de Compra (LEC).

3.1.1 Estoque de Segurança

O Estoque de Segurança é gerado face às incertezas da demanda e o prazo para recebimento dos produtos adquiridos. Esta incerteza origina-se em falhas do fornecedor, lead times longos ou materiais específicos e considerados não comerciais, de difícil aquisição.

Chiavenato (2005) conclui que o estoque de segurança busca “proteger o sistema produtivo quando a demanda e o tempo de reposição variam ao longo do tempo”. Falcão (2008) contribui ao apontar que o “estoque de segurança remete a erros de previsão de demanda, falta de confiança nas entregas devido a atrasos no ressuprimento de materiais, rendimento da produção abaixo do esperado”

3.1.2 Lead Time de Pedido

Lead Time é um espaço ou intervalo de tempo necessário para realizar um processo ou uma série de operações. Corresponde ao período de tempo necessário para realizar um processo completo, um ciclo de operações. Lead Time também pode ser entendido como o tempo entre o reconhecimento da necessidade de uma encomenda e a recepção dos produtos.

Falcão (2008) ressalta que o lead time deve ser determinado para cada produto, matéria prima e/ou fornecedor, fornecendo as bases para o dimensionamento do estoque de segurança, estando ora direcionado para o fornecedor ora para o cliente. Para o fornecedor, corresponde ao período de tempo entre o momento em que o pedido é recebido e o momento em que faz a entrega ao cliente. Entretanto, para um cliente significa o período de tempo entre a identificação da necessidade, dando origem a uma encomenda, até o momento em os produtos são recebidos e ficam disponíveis para consumo imediato ou nas prateleiras ao armazém.

3.1.3 Lote Econômico de Compra

Lote econômico de compra corresponde às quantidades de pedidos que minimiza a soma dos custos de manutenção e de pedido. É a quantidade mínima necessária de compra considerando o balanceamento dos custos de manutenção e aquisição, desde que observado a demanda e o tempo de ressurgimento.

Falcão (2008) apud Moura (2004), declara que os modelos de Lote Econômico de Compra (LEC) podem se transformar em uma poderosa ferramenta para o controle de custos envolvidos no estoque e sua manutenção. A partir de alguns dados coletados, como demanda e custo do pedido e de manutenção, pode-se alcançar uma quantidade de compra muito próxima do ideal.

O lote econômico é utilizado para estabelecer uma faixa econômica que reduza os custos do sistema, e não para determinar um valor que os minimize.

O LEC reforça as premícias da gestão do estoque através de ponderações importantes onde se destaca que a demanda a ser utilizada é conhecida e constante, não há restrições quanto ao tamanho dos lotes, custos envolvidos são apenas de estocagem por unidade e/ou pedido por compra. Complementa-se ao conjunto de ponderações a avaliação do lead time e não considera a possibilidade de agregar pedidos para mais de um produto ao mesmo fornecedor.

Para cálculo do lote econômico, é utilizado a demanda do período (D), custo por pedido (Cp) e custo unitário de estocagem (Ce). Para obter o resultado aplica-se a seguinte fórmula:

$$Q = \sqrt{\frac{2 \cdot D \cdot C_p}{C_e}}$$

A demanda se refere aos pedidos, à venda ou à solicitação dos clientes em determinado período, correspondendo à uma previsão de vendas, sendo medido por unidades por período. O custo por pedido é o custo para executar o pedido, ou seja, o custo referente aos salários e demais despesas administrativas e técnicas. O custo unitário de estocagem se refere ao custo estrutural, tecnológico e segurança empregados nas áreas de armazenagem.

O LEC determina pedidos de compras que minimizam dois custos de estoque. Primeiro, os custos de emissão de pedidos, incluindo os custos de comunicação, expedição e recebimento. Segundo, os custos de estocagem, que incluem os custos de estoque e de seguros, bem como os custos de capital empatado. (CHIAVENATO, 2004, p. 534)

3.2 Prazo Médio de Renovação de Estoque.

Para Soares, Farias e Soares (2011), manter produtos em estoque por um longo período pode representar um alto custo para a empresa, como também poderá ocasionar perda de cliente e, uma conseqüente redução no volume de vendas, trazendo prejuízo para a empresa.

O Prazo Médio de Renovação de Estoque (PMRE) trabalhará com o direcionamento a evitar excessos na compra, e/ou sua falta poderá influenciar nos resultados da empresa. Através do prazo médio de recebimento a empresa identificará o período médio necessário para renovar seu estoque, possibilitando um planejamento mais adequado, fruto de uma definição da política de estoque da empresa, reduzindo assim custos por obsolescência ou por compras excessivas,

Através do lote econômico de compra, a empresa poderá se certificar sobre uma demanda necessária de aquisições, possibilitando reduções do custos de pedido e armazenagem. Ao nivelar estoque de segurança e lote econômico de compra, o PMRE orientará a organização quanto à sua necessidade real em um determinado período, evitando aplicação de recursos do capital de giro em aquisições infrutíferas.

4. DISCUSSÃO

Cada vez mais as empresas buscam manter seus estoques em níveis mais baixos face à necessidade crescente no número de produtos codificados e o elevado custo de capital estocado, que assim o torna volumoso e oneroso. Reduzindo estoque, aumenta o volume de recurso no ativo circulante, possibilitando à empresa novos investimentos, e estes resultarão em aumento da lucratividade.

A área financeira de uma empresa tem por objetivo maximizar o retorno. Ao integrar a gestão do estoque à área financeira, os resultados da organização poderão se alavancar.

Ao analisar a armazenagem de uma empresa, é possível observar que a administração dos estoques impacta fortemente em sua liquidez e rentabilidade. Redução de custo é a palavra chave para que as empresas do novo milênio possam estar em constante competição no mercado globalizado. O controle de estoque e a necessidade de melhor compô-lo contribui fortemente para alcançar tal objetivo.

A gestão do capital de giro interpassa a administração do estoque. O resultado financeiro da empresa é afetado diretamente pela política adotada para gerenciar o estoque.

A política de estoque ao atuar de forma negligente em suas diretrizes e porturas que resultem em um aumento do período de estocagem, o prazo concedido pelos fornecedores será suficiente apenas até o momento da venda e/ou até apresentando resultado negativo, não possibilitando o cumprimento de suas obrigações. Ao definir a política de estoque, a empresa deverá conciliar o impacto sobre o fluxo de caixa e o ciclo operacional, pois sua decisão influenciará diretamente nesses resultados.

Para conter excessos e desencontros na administração dos estoques, algumas ferramentas como *just in time* e lote econômico de compra poderão ser empregados pelas empresas. Estes direcionam a política de estoque da empresa, vinculando-a à demanda prevista com a realidade.

O sistema *just in time* é uma ferramenta de gestão focada na redução do saldo de materiais estocados. Este sistema busca trabalhar a produção por demanda, onde primeiro se vende o produto para assim comprar a matéria-prima a ser utilizada na fabricação deste bem.

Esta filosofia colabora com o desempenho financeiro da empresa face a melhora da lucratividade através de ganhos com o retorno sobre o ativo circulante e com o retorno sobre as vendas. Com esta política de estoque, observa-se uma redução do volume estocado, facilitando a identificação e eliminação de atividades que não geram valor para a empresa, diminuindo o custo de vendas e, conseqüentemente, aumentando o retorno sobre o ativo. Desta forma, pode-se verificar que o *just in time* proporciona benefícios financeiros à organização em virtude da redução da necessidade de estoque, reduzindo assim a necessidade de capital de giro.

Outra ferramenta importante é a estruturação e aplicação do lote econômico de compra. Ao aplicá-lo regularmente, este provoca redução do volume de pedidos de compra, resultando assim na redução dos custos de pedido e armazenagem. O LEC procura a melhor estratégia para determinar a quantidade que deverá ser mantida em estoque e qual o período de ressurgimento; o LEC auxilia na identificação do ponto de equilíbrio durante o processo de compra, ou seja, auxilia na identificação da quantidade ótima de cada pedido, de forma que os custos totais (custo do pedido+custo de armazenagem) sejam os menores possíveis.

O entendimento entre gestão do capital de giro e as políticas de estoque estão diretamente interligados. A administração eficaz dos custos de estoque proporcionará redução da necessidade de capital circulante que ora gere melhores resultados.

5. Conclusão

O sucesso de uma boa gestão de estoque dependerá do apoio da alta gestão da empresa, da redução no número de itens comercializados, em ajustes nos tempos dos fornecedores e na utilização de ferramentas para a gestão.

A definição da política de estoque e sua metodologia de trabalho resultará em sucesso ou fracasso da empresa. O final será positivo caso a escolha feita resulte em economia, corte de custo, gestão de estoque eficiente e eficaz.

Nivelar estoques de forma a utilizar menos o capital de giro para financiá-lo, melhorando os ciclos operacional e financeiro, será a força motriz para que as empresas consigam sobreviver neste momento de turbulência financeira que se encontra o país. Errar na gestão de estoque de forma a converter ativo circulante em passivo poderá provocar a falência da empresa.

É conveniente que os gestores observem os prazos de reposição de estoque, os prazos médios de pagamento, de forma a conseguir melhores resultados dos ciclos operacional e financeiro.

O futuro de uma organização está em conseguir quantificar e mensurar a importância do equilíbrio entre capital de giro e estoque. Entretanto, a escolha errada levará ao seu fracasso.

6. Referências

BARTZ, L.S. **A gestão do capital de giro na empresa Lange Termoplásticos**. 2011. 50 p. Relatório de Estágio Supervisionado (Bacharelado em Administração). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Panambi.

CHIAVENATO, I. **Administração de Materiais**: uma abordagem introdutória. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 167 p.

DIAS,F.A.S; SGARBI,J.C. A importância da Gestão de Capital de Giro. In: Encontro Científico e Simpósio de Educação Unisalesiano, 3. 2011. Lins. **Anais ...** Lins:Unisalesiano, 2011. p. 9.

FALCAO, R.F. **Gestão de Estoques**: uma ferramenta para a redução de custos. 2008. 203 p. Monografia (Bacharelado em Administração). Universidade de São Paulo, São Paulo

FONSECA, J.W.F. **Administração Financeira e Orçamentária**. 1 ed. Curitiba: IESDE, 2009. 328 p.

FONSECA, J.W.F.D. **Administração Financeira e Orçamentária**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.328p.

KOMATSU, S.A; SANTANA,M.R. Análise do Gerenciamento do Capital de Giro e da Necessidade de Capital de Giro na Gestão dos Negócios: um estudo aplicado na empresa Vivo S.A.In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 6. 2011. Campo Mourão. **Anais...**Campo Mourão:FECILCAM/NUPEM, 2011. p. 15.

MATIAS, A.B. **Finanças Corporativas de Curto Prazo**: Gestão do Valor do Capital de Giro. 1 ed. Ribeirão Preto:CEPEFIN/USP, 2006. 515 p.

ROCHA, E.J. **Gestão de Estoque**. 2010. 51 p. Monografia (Pós Graduação em Logística Empresarial). Escola Superior Aberta do Brasil, Vila Velha

SLACK, N; CHAMBERS,S; HARLAND,C; HARRISON,A; JOHNSTON,R. **Administração da Produção**. São Paulo: Atlas, 2006. 525 p.

SLACK, N; CHAMBERS,S; HARLAND,C; HARRISON,A; JOHNSTON,R. **Administração da Produção**. São Paulo: Atlas, 2006. 525 p.

SOARES, P.C.D; FARIAS,M.W.M; SOARES,F.H.L. Análise da Necessidade de Capital de Giro, Endividamento e Liquidez de um empresa do ramo sucroalcooleira: um estudo de caso na Usina Coruripe S.A. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 8. 2011. Resende.**Anais...**Resende:SEGET, 2011. p.14